

Do Ínfimo

Maria João Cantinho

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2018



Arqueologia de um rosto

“Não vou mandar limpá-lo”, decidi.

Decidiu o homem da mercearia
que deixara amarrotar o rosto pelas vielas
enquanto descia a calçada
e os olhos, manchados de sonhos antigos,
resvalavam para dentro.

Um pássaro morrera, empurrado pelo vento
e eram tantos, tantos os rostos
que atravessavam o silêncio das ruas
as mulheres usavam-nos
como vestidos modernos, descartáveis
e os homens como camisas
que se mudam à mínima nódoa
sinal de vida íntima

Porém, ele já havia decidido
“não vou mandar limpá-lo”
e as mulheres desviavam o rosto
porque elas só sabiam olhar
para camisas novas e assépticas
para mãos delicadas e sem lastro

rua abaixo, o rosto de olhos voltados para dentro
a recusa ia-lhe por dentro

como uma bomba
a rebentar-lhe no coração.

O pássaro morto
amarfanhado, rolava com o vento
e os rostos desfilavam
indiferentes à sua morte
e à queda das folhas

O homem decidira
“nunca mais vou sequer mudá-lo!”
enquanto os pés o empurravam para a frente
e os olhos sujos de vida
estremeciam de ternura
de olhos presos ao vazio
a olhar o pássaro morto
empurrado pelo vento
sem que as máscaras o vissem.

Trazia nos pulsos essa dor
o reconhecimento, sabendo que a vida
está do outro lado do vidro
no lugar de nenhum rosto.

Monólogo Improvável

Para K

Por mais que te olhe o rosto
e aguarde pacientemente que os portões
se abram, o enigma não se aclara
poderia manter-me dias e dias
e noites sem tempo,
e sei que apenas ouviria
o crescer das ervas
ou o vento soprando do Norte.

Já perdi a conta dos dias
e dos anos que esperei
como quem aguarda o nada ou a sombra
e desesperei, mas o tempo,
com as suas invisíveis asas
acabou por triunfar.

Poderia ser Joseph K
ou qualquer outro que espera
o que não chega nem se revela
o que pergunta e nunca ouve
o que sonha e guarda fantasmas
o que ouve vozes perdidas no nevoeiro.

Por mais que te olhe o rosto
em busca de sinais

é essa ausência que me faz cair
para fora da língua,
um vazio que nos espreita
e só a espera ou
uma certa forma de loucura
me embala, essa raiz antiga
e sem nome, que cresce
para dentro da terra.

Do ínfimo

Não sei senão do ínfimo
e do murmúrio das pequenas coisas,
as que não chegam à palavra
como a sombra ou o vento
desenhando-se sob os álamos,
em quieta reverberação.

E nada sei, senão desse canto
invisível, mais sonho que metáfora,
do tempo que é no fruto
ou do que sabe ser sol, sem alarde
do breve e da passagem.

E nada sei dessa grandiloquência
dos homens, das suas promessas
e dos gestos que traem o coração,
dessa palavra ou excesso que mata
a perfeição circular do instante.

Se é vida, sangue ou oiro,
nada sei, nada de nada
escondido que ele é
no ínfimo e na sombra. Oculto.

Gestos

Um dia vamo-nos. Todos,
ainda que haja variações no modo de partir,
a uns sobram-lhes asas
e outros enredam-se nas ervas daninhas
com o rosto colado ao lodo.

Aos que anseiam subir
e beijar as estrelas é conveniente
que saibam olhar o alto
sem se demorarem na idolatria.

Na montanha gelada há sempre lugar
e só o tempo aponta o caminho da neve
para alguns, não há desvios
para outros, todos os caminhos são desvios.

A única coisa que fica é o pó
uma definitiva mão
que tudo anoitece.

O eco

Partimos na frescura da manhã
e só o coração nos guiava,
ouvindo os sinais, a intermitência do vento
que percorria a floresta,
escutando o murmúrio da fonte.

E nada nos era vedado,
pois outra era a nossa busca
inumana e desmedida,
por dentro dos nomes
e dessa página aberta
que era a nossa viagem.

E nada nos era vedado
porque outras eram as margens,
outro o desejo, no avesso do dito,
habitávamos as entranhas do tempo
como quem se demora,
sabendo que nada permanece.

E nada nos era vedado,
nessa jornada onde o medo era também liberdade,
outra a nossa fala, esse balbucio
implodindo florindo no silêncio.

E nada nos era vedado
porque outra era a nossa pátria,

AUTOR
mjcantinho@gmail.com
Facebook: Maria Cantinho

EDITORA
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com
